

# Sem axé não existe vida

WILSON TEIXEIRA SOARES  
Coordenador de Política

Foi duro. Ao longo de dois meses, os candidatos à Constituinte pelo Distrito Federal desfilarão, dia a dia, na tela alucinadora da televisão, desfrutando de um dos mais poderosos meios de comunicação inventados pela louca genialidade humana. E, incompetentes prestidigitadores, quase nada conseguiram.

Motivos há vários. Falta de intimidade com o veículo, inconsistência nas propostas, indigência mental, retardamento político, imbecilidade ideológica. Mas, todas estas razões à parte, o motivo maior do fracasso foi na realidade, a absoluta carência de axé em seus discursos orais.

Exceções à parte - raras, que confirmam a regra -, os candidatos candangos evidenciaram, abusando dos megahertz e da paciência do eleitor, que os seus discursos (a palavra) não conduzia o necessário poder de realização (axé), sem o qual a existência é impossível.

Ventríloquos de coisa alguma, os candidatos, enfieirados, não souberam pronunciar nos momentos precisos as fórmulas apropriadas para induzir à ação. E reflexo limpo deste fato é a alta taxa de indecisos que a 48 horas do pleito, predomina entre os 732 mil eleitores do Distrito Federal.

Essa flata de axé, no entanto, retrata com meridiana clareza a vida política brasileira, desarticulada a

golpes de espada nos últimos 20 anos. Pois em função do arbítrio, as lideranças efetivas foram castradas, enclausuradas, banidas. Ou, como Rubens Paiva, misteriosamente desapareceram.

Os agora candidatos que cumprem, em passos trôpegos, os ritos de iniciação, no entanto, são inocentes até certo ponto. Afinal, ao menos duas pessoas são indispensáveis para que aconteça a transmissão iniciática. E a má prática política das últimas décadas não contiveram o axé e o conhecimento necessários para transferir o complexo código que faz nascer um político.

Orfãos de veículo existencial (hálito), os futuros congressistas, caso não desejem falar para ouvidos surdos, vão se defrontar com uma tarefa urgente: encontrar quem, enraizado politicamente, faça uso de palavras apropriadas que, impregnadas das modulações necessárias, comunique - de boca a orelha - a experiência interrompida de uma geração à outra, transmitindo assim o axé concentrado dos antepassados.

Porque se os tatibitantes candidatos eleitos pelo Distrito Federal não peregrinarem em busca de um babalaxe capaz desses que aromatizam a boca com ataré, obi, orogbó, correrão o risco de, em quatro anos de mandato, atuar como os aparaka dos terreiros d e e g u n , representações não individualizadas e, por isto mesmo, mudas.